Universidade de São Paulo

Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas – Curso de Letras

Introdução aos Estudos Clássicos (1º sem. 2019), Professora Elaine Cristine Sartorelli

Professor convidado: Rafael Frate

**Breve panorama da lírica grega:**

*Safo, fr. 16:*

|  |  |
| --- | --- |
| ο]ἰμὲν ἰππήωνστρότονοἰδὲ πέσδων οἰδὲνάων φαῖσ’ ἐπ[ὶ] γᾶνμέλαι[ν]αν ἔ]μμεναι κάλλιστον, ἔγωδὲκῆν’ὄτ- τωτιςἔραται· | [U]ns dizem que a cavalaria, outros, que ainfantaria,] Outros que a frota é, sobr[e] a terra negra, O que [h]á de mais belo, mas eu, aquilo que se deseja; |

Tradução: Tadeu Andrade

*Alceu, fr. 332:*

|  |  |
| --- | --- |
| νῦν χρῆ μεθύσθην καί τινα πὲρ βίαν πώνην, ἐπεὶ δὴ κάτθανε Μύρσιλος | Vamos beber agora e, ainda que por força,  Eborrachar-se, pois está morto Mirsilo! |

Tradução: Rafael Frate

**Percurso de uma tópica lírica:**

Homero, Od. XVIII (128-137)

|  |  |
| --- | --- |
| τοὔνεκά τοι ἐρέω, σὺ δὲ σύνθεο καί μευ ἄκουσον· οὐδὲν ἀκιδνότερον γαῖα τρέφει ἀνθρώποιο πάντων, ὅσσα τε γαῖαν ἔπι πνείει τε καὶ ἕρπει.  οὐ μὲν γάρ ποτέ φησι κακὸν πείσεσθαι ὀπίσσω, ὄφρ’ ἀρετὴν παρέχωσι θεοὶ καὶ γούνατ’ ὀρώρῃ·  ἀλλ’ ὅτε δὴ καὶ λυγρὰ θεοὶ μάκαρες τελέωσι, καὶ τὰ φέρει ἀεκαζόμενος τετληότι  θυμῷ.  τοῖος γὰρ νόος ἐστὶν ἐπιχθονίων ἀνθρώπων, οἷον ἐπ’ ἦμαρ ἄγῃσι πατὴρ ἀνδρῶν τε θεῶν τε. | Por isso te direi, e que me compreenda e me escute:  nada mais débil que o homem a terra nutre  entre tudo que sobre a terra respira e circula.  Nunca alguém pensa que no futuro um mal sofrerá  enquanto deuses ofertam sucesso, e os joelhos se mexem;  mas quando deuses venturosos completam o funesto,  também isso, sem o querer, suporta com ânimo resistente.  É tal a mente dos homens sobre-a-terra  como o dia que conduz o pai de varões e deuses. |

Tradução: Christian Werner

**Mimnermo, fr.2 (1-7)**

|  |  |
| --- | --- |
| ἡμεῖς δ’, οἷά τε φύλλα φύει πολυάνθεμος ὥρη  ἔαρος, ὅτ’ αἶψ’ αὐγῆις αὔξεται ἠελίου,  τοῖς ἴκελοι πήχυιον ἐπὶ χρόνον ἄνθεσιν ἥβης τερπόμεθα, πρὸς θεῶν εἰδότες οὔτε κακὸν οὔτ’ ἀγαθόν· Κῆρες δὲ παρεστήκασι μέλαιναι, ἡ μὲν ἔχουσα τέλος γήραος ἀργαλέου, ἡ δ’ ἑτέρη θανάτοιο· (...) | Nós, como as folhas da multiflórea estação da primavera,  Quando aos raios de sol de pronto viçam,  Iguais a elas em breve tempo fruímos das flores  Da juventude, inscientes do bem e do mal que vêm  dos Deuses. Mas Queres estacam ao nosso lado, negras:  Uma, no cumprimento da dura velhice;  A outra, na morte (...) |

Tradução: Rafael Brunhara

**Píndaro. Pítica 8 (93-95):**

|  |  |
| --- | --- |
| ἐν δ’ ὀλίγῳ βροτῶν  τὸ τερπνὸν αὔξεταῐ· οὕτω δὲ καὶ πίτνει χαμαί,  [⸏](http://stephanus.tlg.uci.edu/help/BetaManual/online/H6.html)ἀποτ[ˈ](http://stephanus.tlg.uci.edu/help/BetaManual/online/P15.html)ρόπῳ γνώμᾳ σεσεισμένον. ἐπάμεροι· τί δέ τις; τί δ’ οὔ τις; σκιᾶς ὄναρ ἄνθρωπος. | É pouco o tempo de crescer  Dos mortais o gozo: cai logo por terra,  Batido por ideia abaladora.  Efêmeros: que é quem? que é ninguém? Sonho de sombra é o homem. |

***Partindo para Roma:***

**Catulo.**

**Poema 5 (*ad Lesbiam*):**

|  |  |
| --- | --- |
| VivamusmeaLesbia, atqueamemus, rumoresquesenumseveriorum omnes uniusaestimemusassis! soles occidere et redirepossunt: nobis cum semelocciditbrevis lux, nox est perpetua una dormienda. da mi basiamille, deindecentum, deinmille altera, dein secunda centum, deindeusque altera mille, deindecentum. dein, cum milia multa fecerimus, conturbabimusilla, ne sciamus, aut ne quis malusinviderepossit, cum tantum sciat esse basiorum. | Vivamos, minha Lésbia, e amemos,  E as graves vozes velhas  – Todas –  valham para nós menos que um vintém.  Os sóis podem morrer e renascer:  quando se apaga o nosso fogo breve  dormimos uma noite infinita.  Dá-me pois mil beijos, e mais cem  e mil, e cem, e mil,e mil e cem.  Quando somarmos muitas vezes mil  misturaremos tudo até perder a conta:  que a inveja não ponha o olho de agouro  no assombro de uma tal soma de beijos.  **Tradução: Haroldo de Campos** |

**Horácio.**

***Espistula ad Pisones (ArsPoetica)vv. 83-85:***

|  |  |
| --- | --- |
| Musa deditfidibusdiuospuerosquedeorum  et pugilemuictoremet equumcertamine primum  et iuvenum curas et libera uina referre. | A musa deu à lira dizer sobre os deuses, os seus filhos,  E o campeão no pugilato, o primeiro nos cavalos,  E a inquietação dos jovens e os vinhos que libertam. |

***Carmina, I. 6 (1-2 [...] 17-20):***

|  |  |
| --- | --- |
| ScriberisVariofortis et hostium  uictorMaeoniicarminisalite,  (…)  Nos conuiuia, nos proeliauirginum  sectis in iuvenesunguibusacrium  cantamusuacui, siue quid urimur  non praetersolitumleues. | Vário te narrará bem forte, vencedor  dos inimigos, um pássaro de meônio canto  (...)  Mas eu cantoos banquetes e as batalhas  de meninas e meninos com unhas aparadas,  seja tranquilo, seja ardendo, nada além  do que é leve. |

***Carmina I, 11***

Tu ne quaesieris, scirenefas, quem mihi, quem tibi

Finem didederint, Leuconoe, necBabylonios

Temptarisnumeros. ut melius, quidquiderit, pati,

seu plurishiemes seu tribuitIuppiter ultimam,

quae nunc oppositisdebilitatpumicibus mare

Thyrrhenum! sapias, vinaliques, et spatiobreui

spemlongamreseces. dum loquimurfugeritinuida

aetas: carpe diem, quamminimumcredulapostero.

**Algumas traduções para o português:**

**Proposta:**

Não vá querer saber (é proibido) qual a mim, qual a você

os deuses escolheram o fim, minha Leucônoe, nem vá consultar

números babilônicos. Tanto melhor será o que quer que venha.

Quer nos destine Júpiter muitos invernos mais, quer seja o último

que possa extenuar o mar Tirreno em seu embate com os escolhos

que lhe opõem, tome um conselho, infunda o vinho e a um breve intervalo

cerceie uma esperança longa. Enquanto nós falamos passa o tempo

tão rancoroso. Apanhe o dia, o mínimo crédula no porvir.

**No cânone:**

|  |  |
| --- | --- |
| Não queiras saber quando  Terão fim, ó Leucótoe, nossas vidas,  Por números contando  As babilônias sortes proibidas,  Quais hão de ser, se curtas se compridas;  Se o escuro lago Averno  Havemos de ir passar, se tarde ou cedo,  Se neste hórrido inverno,  Que quebra o mar no duro e alto rochedo,  E seu rigor nos põe espanto e medo.  Será melhor aviso  O são vinho gastar e a vã esperança  Da vida em festa e riso:  E pois que a idade e o tempo faz mudança,  Logra o presente e no porvir não cansa.  **André Falcão de Resende (séc. XVI)** | Ah! Não procures indagar que termo  Tenha prescripto o fado a nossos dias;  Vedado é saber tanto;  Dos Vaticínios Babilônios deixa,  Para aprender a suportar constante  Os acintes da Sorte.  Ou Jove te destine mais Invernos  À curta Idade, ou seja o derradeiro,  Este que o Mar Tirreno  As fúrias quebra nas opostas Rochas,  E nele a Parca inexorável feche  O círculo da vida.  Se és prudente, se és cauta, arrasa as Taças  De doce vinho, apouca as Esperanças  Em duração tão breve.  Enquanto assim discorro a idade foge:  Aproveira o presente, e não confies  Crédula no futuro.  **José Agostinho de Macedo (1806)** |
| Tu não trates (que é mau) saber, Leucônoe,  Que fim darão a mim, a ti, os Deuses;  Nem inquiras as cifras Babilônias,  Por que melhor (qual for) sofrê-lo apures.  Ou já te outorgue Jove invernos largos,  Ou seja derradeiro o que espedaça  Agora o mar Tirreno nos fronteiros  Carcomidos penhascos. – Vinhos coa:  Encurta em tracto breve ampla ‘sperança.  Foge, enquanto falamos, a invejosa  Idade. O dia de hoje colhe, e a mínima  No dia de amanhã confiança escores.  **Filinto Elísio (séc. XVIII)** | Saber não cures (é vedado) os deuses  A ti qual termo, qual a mim marcaram,  Nem consultes, Leocônoe, os babilônios  Cálculos, por que assim melhor já sofras  Tudo quanto vier, ou te dê Jove  Muitos invernos, ou só este, que ora  O mar Tirreno nas opostas rochas  Quebra. Tem siso, o vinho coa, e corta  Em vida breve as longas esperanças.  Ínvida a idade foge: colhe o dia,  Do de amanhã mui pouco confiando.  **Elpino Duriense (1807)** |
| Não procures saber, querida Irene,  Se a mim, se a ti, os Deuses concederam  Da vida um termo próximo ou distante:  Não convém tal exame  Não indagues os cálculos incertos  Que produzem horóscopos confusos;  Melhor será sofrer que descobri-los:  O que vier aceita.  Ou nos dê Jove invernos numerosos,  Ou deste que do Tejo açouta as águas,  Átropos corte o fio a nossos dias,  Recear é fraqueza.  Gosta os fructos da Quinta do Descanso:  Para a longa esperança o espaço é breve;  A idade foge enquanto discorremos:  Aproveita os momentos.  **Marquesa de Alorna (1820)** | Uns com os olhos postos no passado  veem o que não veem; outros, fitos  os mesmos olhos no futuro, veem  o que não pode ver-se.  Por que tão longe ir pôr o que está perto –  O dia real que vemos? No mesmo hausto  Em que vivemos, morreremos. Colhe  O dia, porque és ele.  **Ricardo Reis *Ode 144*(1933)** |

Não indagues, Leucônoe, ímpio é saber

A duração da vida

Que os deuses decidiram conceder-nos,

Nem consultes os astros babilônios:

Melhor é suportar

Tudo o que acontecer.

Quer Júpiter te dê muitos invernos,

quer seja o derradeiro

este que vem fazendo o mar Tirreno

cansar-se contra as rochas,

mostra-te sábia, clarifica os vinhos,

corta a longa esperança,

que é breve nosso prazo de existência.

Enquanto conversamos,

foge o tempo invejoso.

Desfruta o dia de hoje, acreditando

O mínimo possível no amanhã.

**Péricles Eugênio da Silva Ramos (anos 1960)**